

Se decahimos em politica elevamo-nos em arte: Ainda hontem o esplendido livro de Junqueiro — e já hoje o de



Ao lêr essas vivas e brilhantes paginas julgamo-nos holandezes — tal é o primor da descripção.
Ao mestre e grande artista o tributo da nossa admiração.

CHRONICA



Os nossos pés acordaram hoje muito contentes da sua vida.

Quando os pozemos na rua, caminho da loja do sapateiro, desataram a cantar d'alegria e a correr aos saltos pelo passeio fóra, como dois rapazes traquinas á sahida do collegio!

E tinham razão, os pés. O mestre promettera-lhes com toda a solemnidade que á uma hora do dia de hontem estariam irrevogavelmente concluidos os taes sapatos encommendados aqui ha coisa de dois mezes.

Uns sapatos magníficos, folgados a valer, e d'uma vitella muito tenrinha e muito bem *cosida*—exactamente na conta para dispepsias de callos.

E aqui está porque os pés foliavam de satisfação, lambendo antecipadamente os beiços só com o cheiro na vitella dos sapatos...

Mas os pés propõem e o sapateiro dispõe...

Quando entrámos na loja deparou-se-nos, em vez do mestre e respectivo pessoal, um unico aprendiz, muito risonho d'aquella solidão que lhe permittia passar a manhã empoleirado na tripeça do patrão, a apanhar moscas pelas paredes para depois as asphixiar—ás moscas—no abysmo insondavel do côco da massa!



Ao vér-nos, o pequeno rei de Dahomey suspendeu a medonha carnificinia e saltou da tripeça para o chão sobre os cadaveres mutilados de trezentas e tantas victimas!

— Que é do mestre? interrogámos, emquanto sobre a nossa cabeça desciam as benções das raras moscas sobreviventes.

— O mestre, voltou o Caligula muito satisfeito, foi ha bocadinho para a *rapa*, como é costume todas as segundas-feiras, e com uma certeza que não põe cá hoje os butes...

Resignados sahimos, sem os sapatos da promissão, emquanto o aprendiz voltava á hecatombe e os nossos pés gemiam de dôr, fazendo côro com as moscas condemnadas...

D'ahi, entrámos no barbeiro e o mesmo espectáculo aproximadamente: officiaes nem um e o aprendiz a apanhar moscas, que afogava na tigella da bando-lina!

Ora nós já tínhamos notado que, quando os barbeiros e os sapateiros emigravam para a *rapa*, as moscas pareciam tambem emigrar das respectivas lojas; e matutavamos até se este phenomeno teria relação com o phenomeno recentemente observado por Capello e Ivens n'um ponto do sertão, d'onde as moscas *te-te* emigraram conjuntamente com os elephantes...

Com os pés escamados e a barba por escamar, iamos quasi a amaldiçoar barbeiros e sapateiros, quando reconsiderámos que tambem tem direito a arejar o corpo na segunda-feira quem passou o domingo calçando os pés e rapando os queixos dos que iam para o divertimento.

E então que batelada de coisas boas com que o indigena se refastelou no ultimo domingo!

Toirada no campo de Sant'Anna, com todos os attractivos imaginaveis, incluindo exposição de menino virtuoso.

A presença do menino deixou-nos em duvida sobre a causa da concorrência á toirada.

Assim como quando um rapaz frequenta assiduamente a casa de duas mulheres bonitas se não sabe cá por fóra qual d'ellas o leva lá, assim tambem na corrida de domingo seria difficil precisar se os espectadores eram afficionados de toiradas, que pediam *cambios*, ou se enfermos de espinhellas, que pediam herva.

Não sabemos se os achacados foram consultar o menino ao camarote; mas os bois, se não foram lá é porque não lh'o consentiram, porque vontade tinham-n'a elles de sobejo!

Os pobres animacsinhos nem se importavam com os capinhas; o que faziam era estacar defronte do camarote, pedindo com vozes lacrimosas:



— Herva, meu rico menino! dê-nos um braçado de herva, por alma dos seus defuntos!

Mas o menino não tinha commiserção nem verde, para aquelles desventurados!

Pois bem precisados estavam elles d'isso, visto que ha mais de quarenta e oito horas não faziam senão cruzes na bocca...

Aquillo nem eram bois—eram professores de instrucção primaria!



No Jardim Zoologico o mesmo prato todos os dias, com sobrezeza, ao domingo, de mr. Blondin e mademoiselle Clairence.

O povo não falta nunca áquellas deliciosas festas.

Cançado de *ir ao arame* em todos os seis dias da semana, o indigena consola-se em vêr o seu semelhante ir ao arame aos domingos.

E' doce ter companheiros na desgraça—já o dizia o Larivaudière da *Senhora Angot*...

Segundo parece, os dois illustres funambulos estabeleceram definitivamente a sua residencia no arame do Jardim Zoologico.

Ali passeiam serenamente, agora com marombas, logo sem marombas—com ellas ou sem ellas, consoante o appetite da occasião—ali disparam tiros de canhão, ali fazem ovos estrellados, tudo á vista do publico, e, de novidade em novidade—que todos os domingos apresentam uma—nem nós podemos calcular o que mr. Blondin e a sua joven companheira acabarão por fazer no arame, com applauso de toda a gente...



O Coliseu deu-nos uma noite de regabofe.

A peça representada foi a velha *Gran-Duqueza*, que está para o theatro como o sr. Fontes está para a politica:—uma eternidade que não sahe da scena.

A explanada apresenta-nos coisas nunca vistas.

No domingo acudiu lá o poder do mundo, todos anciosos por verem o celebre quadro de Venus sahindo das aguas.

A Venus não cabia no tanque, de vaidosa, persuadindo-se que toda aquella concorrência era por causa d'ella, mas qual carapuça!...

O que tudo lá ia vêr não era a Venus, era a agua, de que andamos tão profundamente saudosos.

A maior parte dos espectadores eram contadores da companhia que lagrimejavam de contentamento.

Infelizmente, assim que voltaram a suas casas, deixaram logo de lagrimejar!...

O balão captivo despertou grande entusiasmo, e, na sua qualidade de captivo, cumpriu o programma á risca, não se afastando nem um palmo do logar do captivo...

Como alguns espectadores protestassem, parece que a empresa, mesmo conservando o balão captivo, vac comtudo conceder-lhe homenagem no ar á altura de alguns metros.

O concurso de belleza para as creanças, presidido por Justino Soares teve ainda mais concorrentes de que se espera para o concurso dos melhoramentos do porto de Lisboa.

Para este ultimo não sabemos quantos projectos virão a apresentar-se, e se serão bons.

No concurso de belleza do Coliseu apresentaram-se alguns projectos de mulheres, muito acceitaveis. A questão é desenvolvêl-os...



PAN-TARANTULA.

VIAGENS AO PAIZ DA RAINHA ASNEIROFF

II

AS MINHAS IMPRESSÕES

2.ª CARTA AO SR. DE ZOLA

Filho de um reino illustrado, em que metade da população é tão sabia, que não se sujeita á humilhação de celebrar, e em que a outra restante fracção é por tal forma notavel que até permite que um forasteiro lhe arranje o dinheiro francez para pagar ás patrulhas, que rondam Pedrouços na época em que alli veraneja o mais caro dos principes; e tomado d'esse desmedido appetite de vêr o que por esse mundo vac, comprei bilhete nas *Messageries Maritimes* e fui-me mar em fóra para saciar a fome que por cá não matava.

Ao sahir a barra deixei com saudade o nosso formosissimo rio de crystal e não foi sem a mais pungente dôr que me desapareceu pela immensidade da distancia aquelle puro e limpido regato que, tendo origem nas sentinas publicas e particulares, vem pedir aos canceiros e ás latrinas dos regimentos boa dose de aromaticas fezes para se misturar com as aguas, que nascem lá pelas Hespanhas dentro. Senti desde logo ao passar a foz uma como que dôr aguda por já não respirar o ar balsamico das ruas empoeiradas, e quando recolhia ao meu beliche de polimento, acudiu-me á ideia aquelles formosissimos saguões da minha terra em que a criada é a calhandra da alvorada, trazendo na sua mão, côr da lama, um pote qualquer da côr do esterco.

Quando o som gracioso da campainha annunciava a desejada refeição, eu sentava-me á mesa do paquete, magoado e triste por os immundos criados trajarem de corte, impestados de roupa branca e por me não vêr servido por aquelle formoso indigena, que transpira a porquidade amontoada de annos, suando a immundicia accumulada de nascença e que traz na negra orla da sua preta unha o prenuncio fatal da alvura do seu pé mal cheirante.

Oh! que infinita saudade!

Sinceramente: eu tive a nostalgia do meu paiz e soffri pungentemente ao deparar com a extravagancia perdularia do lençol lavado, criticando com auctoridade não haver sobre elle o indicio scientifico de que a pulga tambem digere!

A PENINSULA O CASO DAS CAROLINAS



— Vê-te n'este espelho.
— Bem sei, mas que queres? se tenho o braço ligado á corda — não posso ser senhor de mim.

Adoecei.

O medico era inglez. Estudou a *hypothese* e com a perspicacia do sabio, acertou com o *quid*, provocador da mesma morbidez.

Receitou.

Ao engulir a primeira pilula, eu senti qualquer revolução aterradora no canal intestinal, mas um pouco d'agua, fez cessar o movimento espantoso que tomaram as tripas.

Sahindo da minha *cabine*, encontrei uma esbelta franceza, que trazia encostada aos seus formosos pomos uma enjoada, que bolsava.



Fez-me mal a visão. Peiorei. Redobrou o meu pezar.

Eu não via n'ella a anafada moça da Beira, que é em Portugal, nem a besuntada rapariga de Portalegre, que é no Alemtejo.



Tinha os cabellos da cor do oiro e perfumados como a viração de um jardim; mas faltava-lhe o azeite e o unto branco com que as nossas lustam a peruca, suave como as crinas de um cavallo, fina como as cerdas de um javali!

Vinha de branco vestida e isso dava-lhe para mim um ar de inferioridade ás nossas que conservam a religiosa fidelidade ao briche e que teem na chita azul nacional do seu avental barato a unica prova, que dão ao *granadeiro*, do seu immaculado amor da patria!

Calçava meia de seda *gris* e o seu sapato irreprehensivelmente ajustado ao pé, trouxe-me á mente a lembrança risonha da meia suja das nossas creadas, que melhor arremedam, com o uso de oito dias, a meia de seda preta e que, mais acciadas do que as estrangeiras, as tiram no fim da semana, para mais as não usarem por pôdres.

Não pôde continuar. Voltei ao camarote. O inglez obrigou-me a tomar mais pilulas.

— O que tenho, perguntei?

— Observo, respondeu. Olhe como está com febre, o pulso agitado, a temperatura elevada e ha quebraimento de corpo e de forças, não mude de roupa, não tome banho; não consinta que lhe tirem os lençoes, não saia do quarto, quando todos precisam de sahir. Quando precise de realizar acto da sua vida intellectual ou mesmo animal, execute-o no seu beliche. Se a natureza phisica o quizer impellir para tomar ar, não suba á tolda. Não se lave, que tem muito calor. E para tudo aqui fazer-se sem que perigues, peça a refeição e coma dentro da sua sargeta.

Obedeci á sciencia e logo vi que era homem de vulto.

Sujeitei-me ao tratamento e ninguem mais me viu. No fim de tres dias eu estava outro.

Mudei completamente.

A *cabine* movera propriamente uma malhada de porcos, mas tinha o doce perfume da latrina.

O meu corpo apresentava já a codea do immundo, mas ao mesmo tempo exhalava o acido aroma de uma cutis que transpira em logar fechado. O meu chinello de ourolo no seu forro de bactilha branca já possuia o preto matiz do meu sangue chupado.

Os olhos não apresentavam, é verdade, o brilho que dá a limpa lavagem da agua gelada, mas tinha, em troca vantajosa, na raiz das pestanas e no canto dos olhos aquelle humor viscoso a que vulgarmente se chama *remella*.

E tudo isto me alegrava. E era assim que eu adquiria a velha feição faceta que tinha no meu paiz cambroneano. A agua, que em distribuição me tocava, vendia-a por inutil, e d'este elemento necessario eu só bebia o bastante para me matar a sede.

A viagem foi de 15 dias. Ao signal que annunciava a vista de *Asnei-roff*, subi ao tombadilho, e lá em baixo, por entre o azul da immensidade, eu avistei as alturas das montanhas, e pude, de oculo em punho, perceber entre a confusão de uma atmosphera nebolenta, signaes da vida humana, denunciados pelo fumo que subia de umas chaminés pretas.

Antes de sahir do vapor fui agradecer ao physico o seu disvello por mim.

Perguntei:

— Mas que tive eu? Que doença foi a minha?

— O que teve, foi excesso de asseo.

— A sua doença foi saudade da cloaca em que tem vivido.

— O remedio consiste em tomar *ares patrios*.

— Desembarque; que se ha de dar bem em *Asnei-roff*.

— O vento, coado pelas rendilhadas estrebarias, é do que carecem os seus pulmões, affeitos aos gazes expellidos da grande massa de excremento amontoado!

Agradei, e ao pôr o pé na terra fetida, meditei:
— Se o porco vive no chiqueiro, e até o estrume é adubo para o pão ter bom sabor; por que não hei de eu viver, como animal, mergulhado no grande pantano de *Asneiroff*?

Isto disse: e cheio de animo deliberado, comecei de respirar os amoniacos exhalados dos esguios ourinões em que a agua por luxo ás vezes corre, e em que por systema, quasi sempre falta. Senti-me bem.

Primeira sensação alegre em *Asneiroff*: — o fedor.
Amigo Zola, até para a semana.

JOSÉ PAN THEU.

DAS CALDAS

Pim vae para S. Martinho refrescar as pelles.

Com o seu espirito profundamente economico, *Pim* resolveu tomar os banhos sempre na vasante — para não gastar tanta agua.

Em terminando a infundiça, o conselheiro, não desmentindo os seus habitos de cortezia, deixará um bilhete de visita ás salsas ondas.



Quanto ao fato de banho é o que se está vendo.
Para isto é que elle quer a vinha do hospital.
A parra serve-lhe de cuecas—por economia—e, em quanto á uva...

Plim, plim, plim plão...
Tenho uma vinhinha
Que me ganha o pão...

TROVAS POPULARES

Cantadas pelos festeiros que foram ao Senhor da Terra em vez de irem ao Senhor da Serra.

Ao vêr o Senhor da Terra
Todos dobram o joelho,
Que elle é ministro da guerra
Presidente do conselho...
Oh! ih! oh! ai!
Presidente do conselho!

Todo o anno elle balança
Da politica aos baloiços,
Por isso agora descança
Tomando banhos em Pedroços,
Oh! ih! oh! ai!
Tomando banho em Pedroços...

Fostes ao Senhor da Terra
Nem ao menos me trouxeste
P'ra lembrança d'essa terra
Os calções que o Senhor veste!
Oh! ih! oh! ai!
Os calções que o senhor veste!

Maria saccode a saia!
Por acaso qu'rias tu
Que o Senhor fosse p'ra a praia
A tomar o banho nú?
Oh! ih! oh! ai!
A tomar o banho nú!

Divino Senhor da Terra
Meu Divino Imperador,
Impara-me lá na guerra,
N'um logar seja onde for.
Oh! ih! oh! ai!
N'um logar seja onde for...

Ao Senhor da Terra vae!
Gente de toda a nação,
Que o Senhor é como um pae
P'ra o vadio e mandrião.
Oh! ih! oh! ai!
P'ra o vadio e mandrião!

O Senhor da Terra é d'oiro,
Diz a lenda dos antigos:
Co'as mãos dentro do thesoiro
Tem mãos rotas p'ra os amigos.
Oh! ih! oh! ai!
Tem mãos rotas p'ra os amigos.

Fui, Senhor, hoje p'la sexta
Ao acaso a procurar-te,
Que o Senhor tanto está n'esta
Como está n'aquella parte...
Oh! ih! oh! ai!
Como está n'aquella parte!

PAN-TARANTULA.

A NOSSA FESTA NO DIA 30



Seguimos os bons exemplos a vêr se o *carneiro com batatas* é o caminho da virtude.